

## MEMORIAL

Maurício Holanda Maia

### Prá Começo de Conversa...

Sem dúvida este é o tom que gostarei de dar a este Memorial, o de uma conversa. Posso estar, com isto, incorrendo no risco de descaracterizá-lo enquanto um dos instrumentos formais com os quais esta Comissão avaliará cada candidato e, conseqüentemente, incorro no risco de diminuir minhas possibilidades de êxito no que diz respeito a minha pretensão de ser um dos "eleitos". Aceito esse risco. Sucede, pois, que cada vez que sou convidado a refletir sobre minha trajetória no campo educacional/profissional não consigo diferenciá-la (será que deveria?) da minha história pessoal, das minhas esperanças, minhas desilusões, meus desejos, meus medos, minha realidade, desse meu jeito indefinido de ser extrovertido e tímido, dos elementos que a vida (essa vidinha feita de preocupações cotidianas e da capacidade de criar utopias) nos dá para compreendermos a realidade.

### Sobre um Ex-macaco

Não sei se vocês gostam de Kafka, ou se algum de vocês já teve oportunidade de ler uma pequena narrativa sua chamada "Relatório para uma Academia". A razão de eu citá-la aqui, é que ela serve para contar-lhes parte da minha história. A referida narrativa trata do relatório que um macaco (um ex-macaco) envia a uma academia de cientistas, cu-

riosos de conhecer o seu processo aceleradíssimo (5 anos) de humanização. Então o tal macaco (ex-macaco) conta como, uma vez na África, foi alvejado por dois tiros, enjaulado e colocado num navio para a Europa. Como, espremido contra as grades de uma incômoda jaula improvisada, percebe que precisava de uma saída "Não essa liberdade idílica que os homens falam"... Mas de uma saída. Conta então como, aprendeu a fumar, a cuspir sobre os marinheiros e a beber. Conta como numa noite de festa em que alguém, por descuido, deixou uma garrafa de aguardente ao seu alcance, destampou-a, exvaziou-lhe todo o líquido de um só fôlego, e no auge da embriaguês grunhiu algo que os presentes espantadíssimos entenderam como um "Alô" e concluíram que o macaco aprendera a falar. Essa foi a sua saída, uma vez que na cidade pode trocar uma jaula no zoológico pelas luzes dos palcos e picadeiros (a palavra é mesmo um espetáculo). Conta da avidez com que aprendia, "consumindo" numa certa ocasião cinco professores ao mesmo tempo. Finalmente conclui dizendo que após 05 anos de intenso esforço, atingiu a "inteligência média de um homem europeu", que não tem por isso razões para orgulho ou para lamentações, que apenas escolhera o que lhe parecera a melhor saída.

Esta estória mexe muito comigo, quando revejo o menino interiorano, pobre e amedrontado, que chegando na capital, foi aos poucos percebendo que se havia saída para um filho de família operária, esta era o domínio da palavra. Ou então, quando ao falar de um macaco de ter alcançado "a inteligência média de um homem europeu", me lembro de Frantz Fanon, um psiquiatra negro que lutou pela libertação da Argélia do domínio francês e que testemunha a afirmativa dos colonizadores franceses de que "a inteligência média de um homem argelino" era comparável a inteligência de um francês lobotomizado (quanta superioridade). Isto me faz pensar no nosso processo histórico (complexo psicológico) de colonizado.

## "Relatório para uma Comissão"

Sou o filho mais novo de uma família operária de origem camponesa. Morávamos no interior, e tinha sete anos de idade quando meu pai, que era carpinteiro, morreu, deixando-nos com uma pensão que era a metade do seu já pequeno salário. Naquela época aprendi a cantar "...prá frente Brasil, salve a seleção", mas não entendia porque o Presidente do Brasil se chamava Emílio Garrafa Azul. Era tempo de seca e meu irmão mais velho (tinha 14 anos) passou a estudar à noite para trabalhar na "emergência", que era como chamavam então as frentes de trabalho. Com 10 anos, (os meus irmãos já tinham terminado o ginásio, e lá não tinha 2º grau) viemos para Fortaleza, já que, como mamãe dizia, "a única herança que ela podia nos deixar era o saber" e "em Fortaleza as coisas eram mais fáceis". Em 1970, as coisas já não eram fáceis mas havia "milagres", e as coisas não eram ainda tão difíceis. Meus irmãos foram se empregando gradativamente, e também gradativamente abandonando os estudos. Como eu era o menor, fui sendo poupado para ver se em mim se realizaria o "pequeno sonho pequeno burguês" de vencer na vida pelo estudo. Se em parte os satisfiz (a minha mãe e meus irmãos) já que me formei, em parte os decepcionei, pois já não sou bem comportado e esta vida é "invencível".

Em 1978, ainda bastante jovem, tomei contato com um grupo de jovens cristãos, onde aprendi entre outras coisas algumas estórias sobre o amor cristão e também a falar para um auditório de mais de 5 pessoas (não sem tremer). Este contato com a igreja foi muito importante no sentido de que logo depois (por ocasião do Congresso Eucarístico), a igreja assumiu posturas bem mais claras de crítica à sociedade, e que com toda aquela estória de migrantes, injustiça institucionalizada, etc., fui percebendo que certas das minhas angústias, das minhas raivas, tinham outra explicação que o humor (ou mau-humor), que haviam instituições e "injustiças

institucionalizadas"; e que numa sociedade que tinha dois lados, o lado dos injustiçados direta e indiretamente era o meu.

Minha surpresa foi ainda maior quando na Escola Técnica, vi que havia um "Centro Cívico" e que os participantes deste movimento discutiam política e poética, que o pessoal lia um jornal chamado Tribuna Operária que corajosamente criticava o governo, os Estados Unidos, etc. Nesta época, ouvi falar de anistia, presos políticos, exílio, regime, inflação, multinacional, Jari, do manganês, da Serra do Navio, e mais tarde da Guerrilha do Araguaia. E, como o macaco da estória, mantive os olhos bem abertos para não perder nenhum lance deste movimento, e acabei por descobrir que não era por acaso que cada pessoa estava no lugar que estava, e que os lugares eram diferentes entre si. Então entendi que o filho do diretor (da Escola), que vinha de carro e fazia o curso de Edificações, ia seguramente no futuro ser diretor (de alguma coisa), enquanto eu, que não podia sequer desejar fazer Edificações por que o material de desenho é caríssimo, fazia o curso de Turismo (eu adorei) que era o curso menos valorizado, e no final da aula pegava o ônibus do Conjunto Ceará pra almoçar feijão com arroz e metade de um ovo, nunca ia dirigir nada. Felizmente a percepção de que a intensificação das desigualdades sociais neste País tinha colocado muito mais gente numa situação pior do que a minha, evitou que minha revolta se restringisse a uma "coisa pessoal", e me fez ver que este mesmo sistema que gerava a desigualdade entre mim e o filho do diretor, gerava desigualdades maiores, passíveis de uma revolta maior, e mais necessária.

Em 1982, como estudante de Turismo, fui recepcionista dum Congresso de Orientadores Educacionais, e naquele vai e vem de gente e de conversas, uma coisa me chamou a atenção, o nome de um tal Paulo Freire. Mais ainda, me chamou atenção o título de um livro desse Paulo Freire que estava ali exposto a venda. Era "Educação como Prática de Li-

berdade". Comprei, li e fiquei maravilhado com minha descoberta. Se na época (estava concluindo o 2º grau) tinha alguma hesitação quanto a vestibular, esta se dissipou, resolvi, contra a vontade compreensiva da família, que ia fazer vestibular para Pedagogia. Fiz, os Deuses do Olímpio e os espíritos das florestas brasileiras me ajudaram e acertei seis "chutes" na prova de Física, que me permitiram não "zerar" e passei. Não me preocupei muito com "os chutes", já que entre eles e a roleta russa que são os exames vestibulares não há muita diferença de qualidade, apenas de sentido pois que o mecanismo que serve para excluir, serviu para eu me incluisse.

A faculdade serviu para algumas coisas, principalmente para descobrir que havia muito de passividade (dos alunos), por vezes de incompetência (dos professores e alunos), de falta de compromisso (de todos) e de mistificação (do todo). Mas aprendi também que neste jogo de forças, nesta relação saber-poder, tinha muito o que se tirar a serviço de um projeto pessoal e social de mudanças, e resolvi otimizar os resultados neste sentido. Algumas vezes esta otimização coincidiu com a avaliação dos professores, outras vezes, não. É preciso, no entanto, ressaltar (e me desculpem os professores universitários se estiver sendo indelicado) que mais do que na universidade, aprendi no meu contato com os segmentos das classes populares, com os favelados, agricultores, meninos (ditos) de rua, com militantes sindicais e partidários, com companheiros de trabalho e de projetos, com leituras e sobretudo com o enorme processo de educação coletiva que foram os avanços e quedas dos movimentos sociais nestes últimos anos.

Hoje, estou formado(?), e como aquele ex-macaco, não tenho grandes motivos para orgulhar-me ou lamentar-me. Sinto sim, uma ponta de orgulho (a gente é muito criança) quando percebo que na conjuntura educacional do País, sou um privilegiado, por um lado, e sou uma dessas exceções dos

que, com uma certa dose de esforço próprio e sorte furou o cerco da reprodução capitalista, o que daria um belo exemplo moral para o deleite da ideologia da igualdade de chances, mas sinto-me também muito pequeno quando diante de um agricultor analfabeto, ou do meu vizinho operário, percebo que o meu saber (que foi adquirido com o seu trabalho) ainda serviu tão pouco à sua causa (mas a gente cresce).

É isto aí, para não colocar vocês numa situação mais difícil, vou falar um pouco, e talvez mais objetivamente, das minhas experiências profissionais.

Bom, em 1983, trabalhei como bolsista numa escola na Coordenadoria de Registros Escolares, onde aprendi alguma coisa da Burocracia Escolar no que se refere ao aluno, onde percebi como é fácil superar a burocracia quando se tratam de "vontades políticas" e onde experimentei, dia a dia, mais uma pequena revolta de receber como bolsista mais ou menos 1/10 do que ganhavam certos funcionários efetivos, para fazer o mesmo trabalho que estes faziam. Em 84 trabalhei todo o ano como professor de inglês num pequeno colégio particular de classe média, onde aprendi sobre as condições de trabalho do professor-estudante, e também aprendi a não resolver a angústia de adolescentes que não entendem bem porque tanto tempo estudando coisas tão pouco interessantes e tão carentes de sentidos para eles e para o mundo que começam a descobrir. Em 85 aprendi numa pequena empresa imobiliária familiar (os diretores eram a mãe e os filhos) a ser o único funcionário de muitos patrões, a representar os interesses da empresa junto aos clientes, a varrer o chão, datilografar, e ainda o endereço de quase todos os bancos comerciais do centro de Fortaleza. Em agosto de 86, voltei para o colégio, e para as aulas de inglês. E para uma fictícia função de Coordenador, onde descobri o espinhoso caminho que se situa entre representar o poder, e, tanto quanto possível, não recorrer ao autoritarismo com os colegas pro-

fessores. Esta foi também a época em que fiz animação de 2 grupos de adolescentes num colégio católico, dentro dos referenciais teóricos-religiosos da Pastoral da Juventude Estudantil, e muito gratificante, acompanhei de perto uma tentativa de implantação de educação popular para crianças numa escola de comunidade, no Mucuripe. Em 86, tive a minha grande chance de "vencer na vida". Fui trabalhar no Banco do Estado do Ceará - BEC, em Jaguaruana, pequena cidade do Baixo-Jaguaribe, onde não aprendi, mas me perguntei, como lavradores são capazes de caminhar léguas e esperar horas numa porta de banco para receber o FUNRURAL, ou na linguagem bancária de agência, "o dinheiro dos velhos". Lá aprendi no entanto, porque os mais ricos da cidade não precisavam entrar na fila. Vencer na vida tornou-se uma opção insuportável e sobreviver, uma decisão intransferível e inadiável. Bom, afatei-me do Banco de setembro de 86 a setembro de 87, trabalhei com uma entidade suíça num projeto de educação e assistência a meninos (ditos) de rua. Foi lá (eu era "tio") onde aprendi dos meninos muito mais do que lhes ensinei.

Dentro da minha experiência profissional, quero incluir também uma que se distingue por sua negatividade. Ficar desempregado. Nesta consegui entender como um pai de família (eu sou arrimo) pode chegar ao desespero e tentei entender que força impulsionava em progressão geométrica o preço do feijão, do arroz, do óleo, do leite e do resto.

Há cinco meses sou funcionário concursado da empresa municipal de Limpeza e Urbanização - EMLURB, onde, com alguns colegas estamos tentando conseguir a façado do óbvio, que seria, enquanto funcionário do serviço público, servir a coletividade. Quero ressaltar também a experiência (profissional? não profissional?) informal que tem sido o meu trabalho junto com outros companheiros na Baraca da Amizade, um trabalho com os meninos da Praça José de Alencar, onde a gente tenta mexer com educação, arte e cultura popular ao mesmo tempo.

Finalmente, quero lhes dizer alguma coisa das minhas expectativas, das razões por que gostaria de fazer este mestrado. Primeiro gosto de estudar, e com as leituras realizadas durante o período universitário, duas coisas me ficaram patentes: uma, que a formação teórica dos estudantes de pedagogia na graduação, deixa muito a desejar, outra que o saber teórico elaborado na universidade pode ser fundamental na construção de uma nova educação e de uma nova sociedade. Segundo, que na nossa hierarquia social, um mestrado representa para mim uma opção de criação de condições concretas de sobrevivência digna (enquanto profissional) aliada a uma existência digna (enquanto pessoa social)

No que diz respeito a temas para estudo, tem algumas coisas no campo da sociologia da educação, da filosofia da ciência, e das teorias do comportamento e do desenvolvimento cognitivo que aguçam minha curiosidade. Assim é que penso como possíveis temas a delimitar para pesquisa: o pensamento das classes populares sobre a escola; ou o trabalho da arte e cultura popular com os meninos da praça como alternativa de uma pedagogia para as crianças da classe popular; ou como as crianças da classe popular elaboram suas representações do mundo e de si, ou ainda qual o papel da arte e do jogo na educação (principalmente das crianças) para a formação de pessoas criativas, alegres e justas.

Considero tudo que disse aqui, como o início de uma boa conversa. Se estiver certo, que ela continue.

Maurício Holanda Maia